

DN - 25.3.59
M 737
FLU
93.78

Ela Não Está no Rio

RUBEM BRAGA

PELA notícia ocasional de um cronista mundano, fico sabendo que uma velha amiga esteve em uma tal festa em Madrid, de passagem para a França. Leio isso e continuo a passar os olhos pelo jornal — essa infeliz e insolúvel contenda de árabes e judeus, a guerra ignominiosa no Vietnam, inauguração de mais uma boutique... Mas na verdade estou pensando apenas nessa viagem de minha amiga; sinto-me vagamente traído, porque eu a julgava no Rio, e só pelo jornal soube de sua viagem.

Sejamos razoáveis: nossa amizade tinha-se dispersado tanto, se enfraquecido no desencontro da vida carioca: semanas, meses inteiros sem nos vermos. Uma vez ou outra, é verdade, tenho pensado nela, sempre com ternura; cheguei mesmo a discar seu número uma tarde; estava ocupado; não insisti... Soube que ela falou bem de mim a uma amiga comum, queixou-se de que eu andava sumido, disse que qualquer dia iria me telefonar. Talvez o tenha feito e não me encontrado; talvez não. Entretanto houve um tempo em que a gente se avistava quase todo dia, ou batia um papo rápido pelo telefone...

Claro, ela não lerá esta crônica. E riria muito se lhe dissessem que, ao sabê-la ausente, eu me senti enganado, lesado no meu carinho. Que importa que ela passe dois meses na Europa se no Rio facilmente eu levava três, quatro meses sem vê-la? Mas a verdade é que sua ausência desfalca para mim o Rio e o Brasil; há um vácuo; é a certeza de que não existe a possibilidade de encontrá-la de repente.

Invisível, mas presente, ela povoava a minha cidade; um acaso podia dar-me o seu sorriso em qualquer esquina. Temos um patrimônio inconsciente de ternuras em potencial que dá um apoio silencioso à nossa vida diária.

Essa notícia me deixou, dentro do coração, mais pobre.

DN 21.7.64

313